

# Pensando Cartografia no Processo De Design

AMORIM, Wadson Gomes, TEIXEIRA, Maria Bernadete dos Santos

## **Maria Bernadete dos Santos Teixeira**

Pesquisadora e docente da Escola de Design da UEMG, graduada em Design Gráfico com mestrado em Engenharia de Produção e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Escola de Design da UEMG. [teixeira.berna@gmail.com](mailto:teixeira.berna@gmail.com)

## **Wadson Gomes Amorim**

Pesquisador e docente da Escola de Design da UEMG, graduado em Design de Produto, mestrado em Design e doutorando em Design pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu da Escola de Design da UEMG. [wadsonamorim1@gmail.com](mailto:wadsonamorim1@gmail.com)

**[PT] RESUMO:** *À medida que se expande o conceito de design e o espectro de suas atividades, o modelo canônico e instrumental de seus métodos já não é suficiente para abarcar a complexidade de variáveis impostas ao seu processo. Mais que normativas, seu escopo requer flexibilidade para se abrir para aspectos inadvertidos da realidade. Esse artigo/ensaio situa precisamente a cartografia - método sustentado no pensamento de Deleuze e Guatari- onde tudo é extensivo a tudo, lustrada pelo atlas subjetivo. O atlas subjetivo se apresenta como um recurso de pesquisa visual no design, um registro de dentro da realidade das impressões intersubjetivas dos indivíduos sobre um determinado território.*

*Palavras-chave: Design; Método; Cartografia; Subjetividade.*

**[ES] RESUMEN:** *A medida que se expande el concepto de diseño y el espectro de sus actividades, el modelo canónico e instrumental de sus métodos ya no es suficiente para abarcar la complejidad de variables impuestas a su proceso. Más que normativas, su ámbito requiere flexibilidad para abrirse a aspectos inadvertidos de la realidad. Este artículo / ensayo sitúa precisamente la cartografía - método sostenido en el pensamiento de Deleuze y Guatari- donde todo es extensivo a todo, lustrado por el atlas subjetivo. El atlas subjetivo se presenta como un recurso de investigación visual en el diseño, un registro de dentro de la realidad de las impresiones intersubjetivas de los individuos sobre un determinado territorio.*

*Palabras clave: Design; Método; Cartografía; Subjetividad.*

**[EN] ABSTRACT:** *As the concept of design and its activities spectrum expands, the canonical and instrumental model of its methods is no longer sufficient to cover the complexity of the imposed variables in its process. Rather than normative, its scope requires flexibility to be opened to inadvertent aspects of reality. This article / essay precisely places cartography - a method based on the thought of Deleuze and Guatari - where everything is extensive to everything, as illustrated by the subjective atlas. The subjective atlas is presented as a visual research resource in design, a record from the inside of the individuals intersubjective impressions reality on a given territory.*

*Key words: Design; Method; Cartography; Subjectivity.*

“A vida é rizoma, e pode ser percorrida em diversas direções, sendo reinventada em cada viagem e por cada um que a percorre” (ZOURABICHVILI, 2004).

O design, na sua reconhecida complexidade conceitual e processual, tem aberto espaços e lacunas para múltiplas tentativas de construção de definições em várias tentativas de aglutinar, de forma singular, seu amplo espectro de atividades dentro de suas tantas vertentes. À medida que tem se ampliado seu campo de atuação e conhecimento, o conceito de design distende-se de forma multi e interdisciplinar, atrelado a outras áreas do conhecimento, conduzido por diferentes tendências e matizes ideológicas. Segundo Bonfim (1997), um campo de conhecimento móvel, cujo processo envolve também diferentes experiências acumuladas, emoções, paixões, idiosincrasias e, principalmente, o desconhecido. Assim, a necessidade de se buscar uma definição, de acordo com Brasset e Marenko (2015), contraria sua natureza de muitas práticas, cada uma delas coberta por uma diversidade de ideias e métodos. Tanto o design, quanto sua pesquisa e seus métodos, segundo os autores, devem ser tratados como uma forma interdisciplinar de buscas que tem lugar num espaço complexo e incompleto. Na perspectiva dessa incompletude, o design não é uma prática isolada, nem singular, pois acontece entre várias instâncias e competências, envolvendo um conjunto de pertinências distintas que ganham condições no intercurso social e em função de fatores do seu contexto de uso, produção e aplicação. É em função dessas variáveis que se definem seus procedimentos e métodos, construídas sobre uma fundamentação particular a cada situação. É sempre um novo caminho a ser desvelado, trilhado das formas mais diversas e por meio de um processo de aprendizado que se constrói no caminhar.

Com mais de 7,6 bilhões de pessoas no mundo se relacionando a todo o momento para transformar e (re)criar realidades, o campo de estudos na área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, onde o design se inclui, é amplo e diverso. Como instrumento capaz de viabilizar o atendimento a uma complexidade de desejos e necessidades do meio social, necessita compreender as transformações pelas quais passam os hábitos e costumes dos indivíduos que o conformam. O design existe em função da vida humana e em razão da qual sua ação ganha sentido. Como tal, é transversal ao espaço físico-biológico e cultural, ou seja, o ambiente tangível, natural e tecnológico e o intangível exposto pela sociedade e sua cultura. Isso requer avançar no desenvolvimento do projeto-ação de design, conhecendo métodos que apresentem possibilidades outras de compreensão do campo de sua intervenção. O modelo metodológico canônico, linear, causal e instrumental já não é suficiente para contemplar toda essa dinâmica que se impõe ao seu processo.

Romagnoli (2009) situa o surgimento da necessidade de novos métodos para abarcar a complexidade do mundo a partir da metade do sec. XX, quando “inaugura-se a era das pesquisas qualitativas e não somente quantitativas, que visam ao aprofundamento no mundo dos significados das ações e das relações humanas” (ROMAGNOLI, 2009, p. 167).

Desde então, estudos e pesquisas apontam proposições de métodos cujas estruturas teóricas são inspiradas na teoria dos sistemas (BERTALANFFY, 1995) e da complexidade (MORIN, 1991), na perspectiva da transversalidade (MORAES, 2010), essa também relacionada à conexão fluida entre múltiplos pontos, conduzida pela ideia de rede (SANTOS, 1996, 2000; CASTELLS, 1999) e de rizoma (DELLEUZE; GUATTARI, 1995), que orienta o método cartográfico nesse artigo.

Os rizomas, em botânica, são raízes que crescem horizontalmente, geralmente subterrâneas, podendo ter porções aéreas. O crescimento, aparentemente aleatório, dessas raízes se justifica pela processualidade da busca pela sobrevivência de uma planta, que é um organismo vivo, um dos princípios da cartografia de Deleuze e Guattari (1995) que utiliza a raiz como metáfora e ilustração epistemológica. O rizoma fala de multiplicidade, de diferenças que se relacionam sem distinção e sempre em movimento. Fala de elementos que se compõem e se recompõem sem começo, nem fim, mas no meio.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas. (...) Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 04).

Assim, um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo, esclarecem os autores. Em vez de uma sequência de base decomponível em constituintes imediatos, “a unidade do produto se apresenta numa outra dimensão, transformacional e subjetiva.” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20)

Analogicamente, podemos dizer que o processo do design é rizomático, pois lida com a articulação de saberes que se estabelecem pelas suas relações com o meio sempre em movimento. Trata da vida, da conciliação entre a objetividade e a subjetividade, de algo que é, ao mesmo tempo, singular e coletivo, que está sempre entre, na mediação de construção de novas realidades.

Brasset e Marenko (2015) buscam estabelecer possíveis conexões entre a prática filosófica de Deleuze e a prática de criação de conceitos do design, considerando que o trabalho de Deleuze oferece um caminho/meio de se pensar filosofia e design, uma vez que o interesse e importância de ambos reside no engajamento de diferentes atividades criativas em diferentes registros que afetam múltiplas camadas, um emaranhado de possibilidades de abordagem. Simon e Buchanan (2015) também apontam que pensar o design através de Deleuze é considerar as muitas mutações que o campo tem sofrido, que quanto mais o design se expande, mais que métodos e normativas, seu escopo apresenta um trabalho flexível e negociável a ser considerado no contexto de uma determinada situação. De acordo com o pensamento deleuziano, o design é uma prática revolucionária, precisamente porque sempre cria novos conceitos, afirmam os autores. Conceitos libertos de imposições e procedimentos normativos, mas de procedimentos múltiplos e conectividades, uma integração de teoria e prática, de pesquisa e investigação, que inclui tecnologias digitais, novos meios, conflitos sociais e políticos, a interseção de ciência e arte, a responsabilidade social e a participação da sociedade. Simon e Buchanan (2015) defendem o design como uma força profundamente disruptiva do presente, encontrada no paradigma de Deleuze e Guattari. Uma matéria de expressão hoje, mas que projeta futuras possibilidades.

Um outro aspecto apontado nessa relação do design e o pensamento filosófico é discutido por Antonioli (2015), que aponta muitos pontos de convergência entre o projeto ecosófico de Guattari e as publicações contemporâneas de design. Guattari, esclarece o autor, define a ecosofia como uma articulação de três registros: o ambiente, as relações sociais e

as subjetividades humanas. Segundo Guatari, destaca Antonioli (2015), o fenômeno do desequilíbrio ecológico do planeta não pode ser separado da deteriorização que também afeta inteligência e sensibilidade, os modos de vida coletivos e individuais. Na dimensão ecosófica de Guatari, apontam os autores, a natureza é um fragmentado conjunto rizomático sempre implicado na transformação de tecnologias, cultura e sociedade.

É na perspectiva de Deleuze e Guatari que o método cartográfico se apresenta como uma forma de apreender a complexidade inerente a qualquer objeto de estudo e de conceber a pesquisa e o encontro do pesquisador com seu campo de estudo. (ROMAGNOLI, 2009).

## **A cartografia**

Formulada pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari (1996), a cartografia é um método de pesquisa que vem sendo utilizado em pesquisas de campo para o estudo da subjetividade. O método “traz um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico, e favorecendo a revisão de concepções hegemônicas e dicotômicas” (ROMAGNOLI, 2009, p. 169/170).

Etimologicamente, o termo cartografia refere-se à elaboração e descrição de cartas ou mapas, sempre associada à produção e visualização de dados de um determinado território. Entretanto, o termo adquire conotações distintas em diferentes campos do conhecimento.

No campo da geografia, a cartografia é a ciência que trata da concepção, produção, e difusão, a partir de estudos de dados físicos, econômicos ou sociais, representados em mapas por meio de desenhos, símbolos e cores. (IBGE, 1999). Amador e Fonseca (2009, p. 30) apresentam a cartografia no campo da psicologia como uma “[...] prática geográfica de acompanhamento de processos em curso que, mais do que um traçado de percursos históricos, ocupa-se de um campo de forças no seio mesmo dos estratos”.

No processo, o pesquisador acompanha a formação de mapas subjetivos e produz, em associação com a população estudada, o material a ser pesquisado. O território a ser mapeado, nessa abordagem, está ligado aos processos de subjetivação. Diferentemente dos métodos tradicionais da ciência moderna, que institui a separação entre o objeto científico e o cientista, a cartografia insere o pesquisador em um território subjetivo na condição de participante/interventor. Esse método tem, como característica, a investigação de um processo de produção, sem definições pré-estabelecidas de regras a serem aplicadas (KASTRUP, 2009). A produção de conhecimento interfere, instiga, produz, cria indagações para transformar um determinado território (SANTOS, 2010).

A indissociabilidade entre conhecer e intervir é da natureza cartográfica, já que, em uma dimensão micropolítica, os afetamentos acontecem a partir dos encontros e se constroem mutuamente, considerando indivíduos, acontecimentos, situações e configurações sociais (ROMANOLI, 2009). Destaca-se aí, a importância do pesquisador no processo. É no encontro de suas percepções e vivências com o campo de estudo que a leitura da realidade rompe com a separação sujeito e objeto. A implicação do pesquisador, ponto de apoio da cartografia, está diretamente ligada à relação saber-fazer, considerando que o saber emerge naturalmente do fazer; uma

experiência de saber “com” e não um saber “sobre”. Um saber que vem, que emerge do fazer. Tal primado da experiência direciona o trabalho da pesquisa do saber-fazer ao fazer-saber, do saber na experiência à experiência do saber. Eis aí o “caminho” metodológico.(PASSOS e BARROS, 2009)

Essa vertente não dicotômica convoca à imanência, à exterioridade das forças que atuam na realidade, buscando conexões, abrindo-se para o que afeta a subjetividade, esta pensada como um sistema complexo e heterogêneo, constituído pelo sujeito e pelas relações que ele estabelece com a realidade. Essas relações atuam rizomaticamente, de uma maneira transversal, ligando processualmente a subjetividade a situações, ao coletivo, ao heterogêneo (ROMAGNOLI, 2009, p. 170). A operação de transversalização consiste na captação dos movimentos constituintes das formas e não do já constituído do/no produto. “O método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios”. (KASTRUP; BARROS, 2009, p.77)

Orientada pela concepção de mundo de Deleuze e Guattari (1995), na cartografia tudo é extensivo a tudo, uma simbiose e uma aliança entre o homem e a natureza, entre a natureza e a indústria, enfatizando que a segmentação entre eles estanca a circulação da vida, estabelecendo métodos de hierarquização e de organização. Ao contrário da forma segmentar, a forma fluida é mutante e criadora e corresponde à possibilidade de traçar linhas de fuga, construindo outros territórios. Quando elementos heterogêneos, que compõem a subjetividade, ganham alguma homogeneidade, uma determinada composição, constitui-se um novo território, uma outra composição, via agenciamentos e experimentações. Nessa perspectiva, tanto no que diz respeito à subjetividade/processos de subjetivação, quanto na compreensão dos aspectos físicos/geográficos, a cartografia, possibilita, ao design, entender o cotidiano das pessoas em um determinado contexto ou território produtivo.

Na relação do designer com o território, a cartografia faz sobressair aspectos locais fortemente relacionados com a comunidade daquele ambiente específico, envolvendo seus modos de vida, história e tradições. Quanto aos aspectos de produção, há que se considerar as técnicas e modos tradicionais de produzir, além de hábitos e costumes de uso e consumo (KRUCKEN, 2009). Assim, torna-se imperativo, particularmente aos sistemas de produção locais, identificar elementos singulares e diferenciais inseridos nos seus produtos. Esses elementos são responsáveis por garantir a diferenciação competitiva com base na origem dos produtos, cuja associação está ligada ao conceito conhecido como *terroir*. Esse conceito relaciona os produtos com a sociedade e o *locus* produtivo, gerando o capital simbólico do produto. O capital simbólico é, assim, definido pela configuração dos artefatos, considerando as tradições, manifestações culturais e festividades, que compõem o patrimônio material e imaterial de um território (MORAES, 2010).

Como método de pesquisa-intervenção, a cartografia pressupõe, assim, uma orientação do trabalho de design que não se faz de modo prescritivo, nem por regras ou objetivos previamente estabelecidos. É uma ação, cuja direção é orientada pelo percurso, que reverte o sentido tradicional de método em que o caminho é previamente definido.

### **Atlas subjetivo**

Na cartografia, o mapeamento de aspectos significativos de um território destaca a pesquisa visual e seu registro como uma ferramenta para ver

e perceber aquele lugar, segundo pontos de vista heterogêneos, associados uns aos outros. Essa construção intersubjetiva de um atlas imagético facilita a compreensão de contextos complexos e o pensar novas possibilidades, a partir de um trabalho de recomposição do lugar em constante mutação. Um atlas subjetivo é um recurso visual de registrar as observações e reflexões sobre as formas de viver e conviver em um determinado lugar, com a possibilidade de desmontar e reconstruir novos modelos. É uma proposição criativa, socialmente sensível, colaborativa por natureza e transdisciplinar em seu método.

Essa maneira de encontrar coisas fora das classificações habituais, de retirar delas afinidades e novos conhecimentos que se abrem para aspectos inesperados, encontra, no atlas *mnemosyne* de Aby Warburg (1866-1929), conhecido hoje como o pai da iconologia moderna, a referência para a construção de atlas subjetivos, uma outra configuração de representação visual das subjetividades.

O termo atlas subjetivo foi cunhado, mais recentemente, pela designer holandesa Annelys de Vet, que trabalha com a representação de identidades culturais e nacionais. Na concepção dessa autora, atlas subjetivo é uma compilação de imagens e informações que permitem projetar, no imaginário, situações relacionadas aos hábitos e costumes de um lugar. Uma narrativa construída de subjetividades cujo material é uma ferramenta para compreensão de um universo local (DE VET, 2007). No desenvolvimento de cada projeto, pesquisadores, objetos e pesquisados, encontram-



FIGURA 1: Coletânea de Atlas Subjetivos de diferentes territórios.

Fonte: subjectiveatlas.info, 2018

-se em um mesmo plano comum no qual estão implicados, inseparavelmente, sem qualquer pretensão à neutralidade, como defende o método cartográfico.

Destacamos, a título de ilustração, uma série de publicações de Atlas Subjetivos da *Subjective Atlas Editons*, iniciativa que desenvolve e divulga publicações de mapas produzidos por habitantes de um determinado território (FIG. 1). Em diversas partes do mundo, essas publicações mapeiam um país, região, cidade ou entidade geopolítica.

As publicações estabelecem relações entre o concreto e o imaginário, num jogo de significados que envolve afirmações e ausências, contaminações e recusas. Por meio da interseção de diferentes linguagens, os atlas mostram como — paralelamente ao espaço físico e as formas objetivas de representá-lo — um outro território, feito de palavras e imagens, vai sendo construído pela imaginação de seus narradores.

A produção de conteúdo desses produtos acontece durante oficinas, onde designers, artistas, fotógrafos e arquitetos são convidados a representar, graficamente, seu território a partir de suas próprias perspectivas. Os registros captam os sentimentos e percepções em representações sobre o próprio mapa geográfico e bandeiras, em gráficos, que resultam num inventário visual com múltiplas colagens individuais, não convencionais e honestas.

O atlas subjetivo, em síntese, é um registro de dentro e não um olhar de fora da realidade, que expressa as impressões intersubjetivas dos indivíduos sobre os muitos aspectos de um determinado território. Nesse processo de estar dentro, o designer habita,, temporariamente o território, a fim de se abrir, plenamente, para seus aspectos inadvertidos.

## Referências

AMADOR, F.; FONSECA, T. M. G. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa — considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009.

ANTONIOLI, M. Design in Guattari's Ecosophi. In: BRASSET, J., MARENKO, B. (Orgs). **Deleuze and Design**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015

BERTALANFFY, L. V. **Teoria General de los Sistemas**. 10 ed. México: FCE, 1995.

BONFIM, G. A. Fundamentos de uma Teoria Transdisciplinar do Design: morfologia dos objetos de uso e sistemas de comunicação **Estudos em Design**, ano V, n 2, Rio de Janeiro, 1997

BRASSET, J., MARENKO, B. Assembling Design and Deleuze. In: BRASSET, J., MARENKO, B. (Orgs). **Deleuze and Design**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

CASTELLS, M. **The information age: economy, society, and culture. vol. 1 The rise of the network society**. Oxford: Blackwell, 1996.

COUTO, R.M.S; FARBIARZ, J.L; NOVAIS, L. **Gustavo Amarante Bonfim: uma coletânea**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2014.

DE VET, A. **Subjective Atlas of Palestine**. Rotterdam: O10 Publishers, 2007.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs 1**. São Paulo: Ed. 34, 1995.

IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Noções Básicas de Cartografia**. Rio de Janeiro: Divisão de Documentação — DDI/CDDI, 1999.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**:

pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KASTRUP, V.; BARROS, R.B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRUCKEN, L. **Design e Território: Valorização de identidades e produtos locais**. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, Tania Maria Galli; KIRST, Patrícia Gomes (Org.) **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

MORAES, D. De **Metaprojeto: o design do design**. São Paulo: Blucher, 2010.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre, 1991.

PASSOS, E.; BARROS, R.B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.76-91

PUCHEU, A. À fronteira desguarnecida: 1997. Disponível em [albertopucheu.com.br](http://albertopucheu.com.br). Acesso em 08/01/2019

ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 166-173, mai/ago. 2009.

SANTOS, N. A. **Arte e saúde mental: em cartaz o teatro da loucura**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Programa de Pós-Graduação em Psicologia, PUC Minas, Belo Horizonte, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. São K Paulo: Record, 2000.

SIMON; BUCHANAN Assembling Design and Deleuze. In: BRASSET, J., MARENKO, B. (Orgs). **Deleuze and Design**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2015.

ZOURABICHVILI, F. **O vocabulário de Deleuze**. Campinas: UNICAMP, 2004

